# FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

210

ADDENDA ET CORRIGENDA ÍNDICE DOS FASCÍCULOS 200 a 209 INSCRIÇÃO 757



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2021

## ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a: fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



# ADDENDA ET CORRIGENDA

# Ad n. 731-733

O marco de Pacô (FE 731) poderia ser um marco de delimitação do couto do Mosteiro de Salzedas; em 2015 publiquei uma foto do marco que está na berma da estrada no sítio do Padrão (Foto aqui: http://viasromanas.pt/vri/marco do padrao.jpg) que apresenta, tal como o marco de Paçô, uma cruz gravada no topo que indicia a sua utilização como marco do couto de Salzedas. definindo neste caso o limite norte do couto. Este marco apresenta as típicas dimensões de marcos romanos pelo que coloquei a hipótese de ser um miliário reutilizado. Mas, para além das suas dimensões, há um outro argumento para considerá-lo miliário: de facto, num documento medieval sobre o couto de Salzedas, dizse claramente que este era limitado a norte pela «strata mourisca» que vinha da travessia do rio Douro na Régua e seguia por alturas da Queimadela pelo chamado «Monte Raso», um vasto planalto onde a passagem é muito facilitada (publiquei o documento aqui: http://viasromanas.pt/dc/LDMS-f61 Salzedas.htm).

Ao longo desta via temos vários marcos de delimitação do couto, nomeadamente um na Capela de São Lourenço, outro em Soito, o referido em Padrão e, já fora do alinhamento da via, um em Santiago e outro em Cimbres (Tamanqueira).

Da mesma forma, é possível que o marco de Paçô, pela sua posição actual, indicasse o limite sul/sudeste do couto, confrontando com o couto do Mosteiro de São João de Tarouca.

# FONTES:

Castro, Ana Sampaio e (2013) – <a href="https://issuu.com/066239/docs/actas\_museu">https://issuu.com/066239/docs/actas\_museu</a>: "Vias Medievais nos Coutos monásticos de S. João de Tarouca e Sta Maria de Salzelas", *Actas das 1ª Conferências do Museu de Lamego/CITCEM*, p. 105-123.

Castro, Ana Sampaio e (2013a) – <a href="https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12824.pdf">https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12824.pdf</a>: "A paisagem monástica no Vale do Varosa: o caso dos mosteiros cistercienses de St.ª Maria de Salzedas e S. João de Tarouca», *Revista CEM*, 4, p. 25-49.

Por sua vez, o marco de Paçô, caso seja miliário, poderia assinalar a via proveniente de Lamego que passava na Ponte de Ucanha seguindo depois por Paçô e junto da Capela de São Mamede (tégula e cerâmica comum; Teixeira, 1998) rumo a Moimenta da Beira:

TEIXEIRA, Ricardo (1998) — <a href="https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9384.pdf">https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9384.pdf</a> "Elementos para o estudo da ocupação romana no Alto Douro: bacia hidrográfica dos rios Varosa e Balsemão", in *Douro Estudos & Documentos*, vol. III(5), p. 11-28.

# FE 732

O miliário de Charangões poderia ser associado à via entre Moimenta da Beira e Aguiar da Beira que passa por Quintela; estaria assim deslocado.

# FE 733

O miliário da Cerca poderia estar associado a uma via N-S que vinha Moimenta da Beira por Castelo rumo ao Douro, podendo bifurcar aqui um ramo para noroeste rumo ao Castro de Goujoim e outro para nordeste rumo ao povoado de Lonja; mantenho estes itinerários como hipótese porque obriga à travessia de rios em vales muitos cavados.

Notar a similitude destes marcos com, por exemplo, o miliário de Constantino da Lagoa em Faia — viasromanas.pt/vri/marco\_da\_lagoa\_faia.jpg — sugerindo que estes marcos tardios teriam um menor diâmetro, o que pode ser outro argumento para a sua classificação como miliário; a este podemos acrescentar o miliário de Numeriano, de Vide, também tardio. Ou seja, todos os marcos da região apontam para uma cronologia tardia, mais toscos, mais estreitos e com uma gravação descuidada, o que pode dar pistas para o processo de romanização desta área.

Longe de tentar esclarecer a questão da sua cronologia, pretendi apenas enquadrar este marcos na rede viária da região; muitos outros marcos com características idênticas foram classificados como miliários sem reservas, levando—me a pensar se não devemos rever a função viária atribuída a alguns deles.

Esta estrada "mourisca" que delimitava o couto a norte é muito

relevante porque vem esclarecer a travessia do rio Douro no Peso da Régua dando continuidade às vias provenientes de Chaves e de Braga. Do rio subia a encosta por Valdigem e Figueira, continuando depois pelo planalto do «Monte Raso» e pelo sítio do Padrão para Moimenta da Beira, onde bifurcava para Marialva e Mérida, cruzando neste caso a Serra da Estrela. Este parece ser o eixo principal e não a estrada por Lamego; aliás, a distribuição dos possíveis miliários nesta área parece reforçar esta proposta, com os marcos do couto de Salzedas (São Lourenço, Soito, Padrão e Cimbres) marcando a passagem pelo Monte Raso até Moimenta, os miliários de Vide, Faia, Ouinta da Lagoa e Prados, todos nas imediações da possível travessia do rio Távora, "apontando" na direcção da civitas Aravorum, e, finalmente, na estrada de Moimenta a Fornos, poderíamos incluir os possíveis miliários de Carapito, Charangões e ainda o que está na Igreja de Muxagata, também anepígrafo. Esta sequência permite assim definir o grande itinerário de Braga a Mérida, em alternativa à tradicional passagem por Viseu. Assim o percurso seria Braga -Gatão (Amarante) - Vila Chão - Serra do Marão, Campeã - Torgueda - Sta. Marta de Penaguião - Régua - Moimenta - Aguiar da Beira - Muxagata - Fornos de Algodres - Linhares - Quinta da Taberna - Barrelas - «Centum Cellae» - Igaedis - Mérida. Este itinerário surgiu à medida que ia interligando os diversos trocos no Google Earth, permitindo entender o alinhamento dos grandes itinerários pré-romanos, utilizados durante a Idade do Ferro (mas certamente bem anterior); tipicamente esta rede percorre os grandes corredores naturais, permitindo a circulação sem grandes variações de altitude e evitando sempre que possível o cruzamento de rios; rede essa que irá sofrer sucessivas reparações durante o período romano das quais estes marcos farão eco (?).

PEDRO SOUTINHO

#### Ad n. 735

Como dizem os autores, a inscrição está muito deteriorada, o que dificulta a leitura, como a foto comprova; no entanto, existem hipóteses que obviariam a certas incongruências. A primeira é a idade da defunta, que poderia ser XL em vez de XI porque, embora não seja impossível que uma rapariga falecida com 11 anos tenha tido um filho antes de morrer, este seria certamente

demasiado jovem à data, e nesse caso, era natural que a sepultura tivesse sido dedicada por um membro sénior da sua família. A segunda diz respeito a quem faz o monumento; na l. 4, a proposição ET indica duas pessoas; logo, propõe-se h(oc) f(aciendum) c(uraverunt).

## Ad n. 736

A paleografia – nomeadamente o acabamento da barra horizontal do T, o modo de grafar do M e o facto de a barra do E ser mais curta que as outras duas – sugere que possa tratar-se não de uma epígrafe romana mas da época renascentista.

#### Ad n. 737

Le milliaire de Tacite est surtout intéressant parce qu'il appartient à une série très lusitanienne. Mais il me semble qu'il n'y a rien là d'étonnant : dans tous les moments troublés de l'histoire de l'Empire, les provinces (= les gouverneurs) ont souvent signalé leur engagement politique, soit parce qu'ils étaient eux-mêmes candidats à l'Empire, soit pour montrer leur ralliement à un autre candidat ou à un prince récemment parvenu au pouvoir. Les milliaires étaient un bon moyen de faire connaître de tels sentiments parce qu'ils jalonnaient des itinéraires et qu'ils étaient donc nombreux : c'est ainsi que, au temps de la révolte de Postumus, le légat de Tarraconaise a pu faire connaître son ralliement à la sécession des Gaules. Le musée de Bordeaux possède le seul document officiel connu (une inscription honorifique) signalant le règne de Gordien Ier au milieu du IIIe siècle...

Si j'en crois la similitude qui, en Lusitanie, touche quelquesuns des miliaires de Tacite, on peut imaginer que des équipes de tailleurs-graveurs (éventuellement, récupérateurs de bornes plus anciennes retaillées) ont pu parcourir certains tronçons d'itinéraires pour effectuer un travail, apparemment rapide et peu soigné, mais qui faisait connaître à la fois le nom du prince et le choix de la province, loyalisme ou ralliement. Comme les textes sont au datif, ce sont des pièces "honorifiques" comme on dit en français, et donc, effectivement, pas des 'vrais' milliaires, mais ils gardaient quand même leur fonction de jalons.

JEAN-PIERRE BOST

# **ÍNDICES 200 A 2091**

# Nomina virorum et mulierum

Allae,734

M(arco) Caecilio Aemiliano, 745

L(ucius) Cor[nelius], 752.1

Q(uinto) Iulio Marcelliano, 745

L(ucius) Norbanus, 739

L(ucio) Pomponi[o] Faori, 754

L(ucius) Pomponius O[ne]simus,754

Rubbiae Nicyt[i], 735

Rub(bius) Maxi[mu]s, 735

C(aius) Ti[t]iu[s] Maurus,748

Titi [f(ilius)], Rufus, 748

Valerius Sabinus, 755

[---]+entina C(aii vel -aecilii) Lucani, 741

# Cognomina virorum et mulierum

Aemiliano, M(arco) Caecilio, 745 Anie[s?], 735 [Al]lucquius Carni f., 744 Carni f., [Al]lucquius, 744  $\Delta \iota o \gamma \dot{\epsilon} v o \upsilon [\varsigma], 743$ Faori, L(ucio) Pomponi[o], 754 [Fl?]avus, 747 Lucani, [---]+entina C(aii vel -aecilii), 741 [L]upus vel [R]ufus, 739 Μαισουμα, 743 Marcelliano, Q(uinto) Iulio, 745 Matern[us], 736 Maurus, C(aius) Ti[t]iu[s], 748 Maxi[mu]s, Rub(bius), 735 [M]omucc[i] vel [O]mucc[i], 736 Niceporus, 749 Nicyt[i], Rubbiae, 735 Nomion, 742

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Elaborados por Manuela Alves Dias e Catarina Gaspar.

O[ne]simus, L(ucius) Pomponius,754 Omucci vel [M]omucci, 736 [R]ufus vel [L]upus, 739 Rufus Titi [f(ilius)], 748 Sabinus, Valerius, 755 Tyranno, 755 [---]anus, 746

# *Imperatores*

[Nerone Claudio Divi Claudi] F[il]io [Germ(anici) Caes(aris) n]epot[e Ti(berii) Caesaris] Pron[epote Divi Aug(usti) Abne]pot[e] [---] N, 745a

[Imp(eratori) Caes(ari) Divi Antonini Pii fil(io)] [Div]i Hadria[ni Nep(oti)] [Div]i Trai(ani) Parthic(i) pr[(onepoti)] [Div]i Nervae abne[(poti)] L[(ucio) Aureli]o Vero Au[g(usto)] [---], 756

[---] P(io) F(elici) Invicto Aug(usto) Trib(unicia?) Po[t(estate)... M(ilia) P(assuum)], 737

# Datação consular

[M(arco) Po]mpeio Macri[no], P(ublio) Iuventio Celso, Co(n)s(ulibus), 745

# Municipalia

II vi[r(is)], 745

# Dii deaque

indeterminável, 744, 746

## Parentela ac necessitudines

amico, 755 f(ilius), 735, 744, 754 f(rater), 735 parentes, 741

# Litterae singulares notabiliores

AN., an(norum), 741 [A]NN., ann(orum), 739 ANO[R(um)], 748 B. M., B(ene) m(erenti), 754 COS., co(n)s(ulibus), 745 D. d(iebus), 754 D. M., D(iis) M(anibus), 754 D. M. S., D(iis) M(anibus) S(acrum), 742, 747, 750 D. S. F. C., d(e) s(uo) f(aciendum) c(uravit), 748 F., f(ilius), 735, 744 F., f(rater), 735 F. C., f(aciendum) c(urav -erunt vel -it), 735, 739 H., h(oc), 735H. M. C., h(oc) m(onumentum) c(uraverunt), 741 H. S. E. S. T. T. L., h(ic) s(itus/-a) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis), 738, 747, 748 M. m(ensibus), 754S.T.L., s(it) t(ibi) t(erra) l(evis), 741 *V. F. u(tere) f(elix)*, 751 Vo. S. M., Vo(tum) s(olvit) m(erito), 744

## Puncta et similia

735, 738, 739, 741, 744, 745, 747, 748, 750, 752.1, 752.2, 754, 755, 756

# Monumenti formae

ara, 744 bloco, 745, 745a?, 748, 752.1, 753, 756 caixa feita de lajes, 752.2 cupa, 735, 740?, 747 estela, 739, 741?, 750 grafito em parede, 749 miliário, 737 placa, 736, 742, 743, 746?, 754, 755 indeterminado, 738

#### Instrumenta

anel, 751 peso de tear, 734 tijolo, 753

# Signa et ornamenta varia

cabeça masculina e feminina, 741 escultura indeterminada, 743 flores, 742 rosácea hexapétala dentro de dois círculos, 750

## Grammatica et notabilia varia

cave malum, 752.2 [de]licata, 741 Niceporus pro Nicephorus, 749 reicie(ndis), 736

# Inscriptionum repertarum loca

# **PORTUGAL**

# **BEJA**

Baleizão, local indeterminado, 747 Castro Verde, S. Marcos da Ataboeira, 740

# COIMBRA

Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha, Conimbriga, escavações na casa do Tridente e da Espada, 737 Figueira da Foz, Alhadas, 734 Figueira da Foz, Santa Olaia, 753

#### LISBOA

Lisboa, Santa Maria Maior, perto do teatro romano (reutilizada), 745, 745-A Lisboa, Lumiar, Telheiras, 756

#### **ESPANHA**

# CÁCERES

Ibahernando, "Magasquilla de los Donaire", 738 Plasenzuela, "Guijos de Abajo", 739

Garciaz, Portera, 744

Trujillo, Villamesías, no muro exterior da casa, calle Telares n.º 8, 748

Trujillo, Villamesías, no muro exterior de casa, calle Federico García Lorca n.º 20, 750

## CIUDAD REAL

Almodovar del Campo, iglesia de la Asunción de Nuestra Señora, 741

## **CORDOBA**

Local indeterminado, 742

## **CUENCA**

Saelices, Cabeza de Griego, Segobriga, 752.1, 752.2

## MADRID

Alcalá de Henares, torre quatro da parte norte da cerca medieval, 735

## **SEVILHA**

Sevilha, Catedral de Sevilha, em intervenção arqueológica, 746 Sevilha, coleção particular, 751

# ZARAGOZA

Calatayud, Augusta Bilbilis, Domus I, Bairro das Termas, 479

# PROVENIENTE DE ANTIQUÁRIO Hispânica, 736, 751

Indeterminada, 743, 754, 755

## Auctores

Alberto González García, 754, 755 Antonio González Cordero, 744 Carolina Grilo, 745 Catarina Gaspar, 747 Cristóvão Fonseca, 745 David Martínez-Chico, 736, 742, 743, 751, 754, 755 Enrique Paredes Martín, 737 Gregorio Carrasco Serrano, 741 Helena Gimeno Pascual, 747 Joaquín L. Gómez-Pantoja, 735, 744 José Antonio Ramos Rubio, 739 José Antonio Redondo Rodríguez, 738 José d'Encarnação, 740, 745, 749 José Ruivo, 737 Julio Esteban Ortega, 738, 739, 748, 750 Lídia Fernandes, 745 Manuel Maia, 740 Manuel Martin-Bueno, 749 Marco Penajoia, 734, 753 Maria Manuela Alves Dias, 747 Ricardo de Balbín-Bueno, 747 Rosario Cebrián Fernández, 752 Salvador Ordóñez Agulla, 746 Sara Henriques dos Reis, 756 Sebástian Rascón Marqués, 735 Virgílio Hipólito Correia, 737 Javier Velaza Frías, 741

INDEX
FICHEIRO EPIGRÁFICO 200
Addenda et Corrigenda Índice dos fascículos 190 a 199
Marco Penajoia, Marca de oficina num peso de tear da
Pedrulha, Alhadas, Figueira da Foz
FICHEIRO EPIGRÁFICO 201
Joaquín L. Gómez-Pantoja, Sebástian Rascón Marqués,
Rvbbii Anies, Maximvs et Nicys
David Martínez-Chico, Fragmento con mención a una reiectio de posible procedencia hispana

FICHEIRO EPIGRÁFICO 202
Enrique Paredes Martín, José Ruivo, Virgílio Hipólito
Correia, Um fragmento de miliário de Conimbriga73
Julio Esteban Ortega, José Antonio Redondo Rodríguez
Fragmento de estela procedente de Magasquilla de Los Donaire
Ibahernando, Cáceres (Conventus Emeritensis)
FICHEIRO EPIGRÁFICO 203
Julio Esteban Ortega, José Antonio Ramos Rubio, Un nuevo
Norbano en una inscripción procedente de Plasenzuela, Cácere.
(Conventus Emeritensis)
José d'Encarnação, Manuel Maia, Eventual cupa reutilizado
em S. Marcos da Ataboeira
Javier Velaza Frías, Gregorio Carrasco Serrano, Inscripción
funeraria de una delicata en Almodóvar del Campo, Ciudad Rea 74
FICHEIRO EPIGRÁFICO 204
David Martínez-Chico, <i>Nueva placa de columbario</i>
procedente de Corduba, Baetica742
David Martínez-Chico, Placa funeraria en griego con
nombre semítico
Joaquín L. Gómez-Pantoja, Antonio González Cordero, Do
nuevo portera, Garciaz, Cáceres (Conventus Emeritensis)
FICHEIRO EPIGRÁFICO 205
Lídia Fernandes, José d'Encarnação, Carolina Grilo
Cristóvão Fonseca, Duas inscrições junto ao teatro de Olisipo.
FICHEIRO EPIGRÁFICO 206
Salvador Ordóñez Agulla, Fragmento de inscripción latina
procedente de la catedral de Sevilla740
Maria Manuela Alves Dias, Ricardo de Balbín-Bueno
Catarina Gaspar, Helena Gimeno, Cupa de Baleizão, Bejo
(Conventus Pacensis)
Julio Esteban Ortega, Estela de C. Titius Maurus en
Villamesías, Cáceres (Conventus Emeritensis)

FICHEIRO EPIGRÁFICO 207  Manuel Martin-Bueno, José d'Encarnação, Municipiu Augusta Bilbilis: grafito de la Domvs I del barrio de las termo	as
Julio Esteban Ortega, Fragmento de estela funeraria e Villamesías, Cáceres (Conventus Emeritensis)	er 5(
FICHEIRO EPIGRÁFICO 208  Rosario Cebrián Fernández, Nuevas inscripciona procedentes de la necrópolis septentrional de Segobriga, Cuenc (Conventus Carthaginensis, Hispania Citerior)	2 2
FICHEIRO EPIGRÁFICO 209  David Martínez Chico, Alberto González García, Donuevas inscripciones funerarias altoimperiales	55 us

# ESTELA ROMANA DE CABAÇOS (MOIMENTA DA BEIRA)

Esta pedra foi descoberta no dia 28 de fevereiro de 2020, aquando da desmatação das margens da estrada municipal nº 515, no sítio das Pereiras, freguesia de Cabaços, concelho de Moimenta da Beira (Fig. 1). Integra o inventário do património que realizei nesta freguesia (março de 2020) e que se encontra na posse da Junta de Freguesia, para cuja sede também se levou, mais tarde, o monumento.

O local do achado carateriza-se por ser uma zona de encosta, onde existem alguns terrenos agricultados. Não há, porém, certeza se foi para aqui trazida de outra parte, ou se está *in situ*. Está próxima do antigo caminho que ligava Cabaços a Sendim (concelho de Tabuaço), onde existiu o *vicus* romano de Fontelo<sup>1</sup>.

Tratar-se-á, mui possivelmente, de uma estela romana de granito, de grão médio, com 156 x 58 x 28 cm. A face principal foi rebaixada, definindo-se duas tarjas, uma mais profunda que a outra (Fig. 2). A sua profundidade varia entre 1 e 4 cm. A face posterior foi alisada. Topo arredondado, atualmente truncado. A parte inferior também se encontra fragmentada. Não apresenta decoração, se é que a teve.

A superfície rebaixada foi limpa para verificar se possui inscrição. Se a teve, hoje está impercetível; o recurso ao método bicromático (Fig. 3) resultou inconclusivo.

José Carlos Santos

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Регре́тио, João Miguel A. *et alii, Tabuaço: um Passado Presente*. Viseu: Câmara Municipal de Tabuaço, 1999, р. 186-188.







757